



**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu**  
**Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação**  
Campus Nilópolis

Júlia Carolina do Nascimento Santos Medici

**PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “O FUTURO É FEMININO”**

Nilópolis - RJ  
2018

Júlia Carolina do Nascimento Santos Medici

**PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “O FUTURO É FEMININO”**

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tiago José Lemos Monteiro

Nilópolis – RJ  
2018

Júlia Carolina do Nascimento Santos Medici

**PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO “O FUTURO É FEMININO”**

Memorial descritivo apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Aprovada em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.  
Conceito: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_).

Banca Examinadora

---

Professor Doutor Tiago José Lemos Monteiro  
(Orientador/ IFRJ - Nilópolis)

---

Professora Doutora Fernanda Delvalhas Piccolo  
(IFRJ - Nilópolis)

---

Professora Melina Santos  
(UFF – Niterói)

Nilópolis - RJ  
2018

Dedico este trabalho à minha família e às minhas amigas, que me aguentaram durante a produção deste documentário falando sobre anseios, dúvidas e mais anseios.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Clariana Castro por doar seu tempo, determinação e talento para a produção deste documentário. Costumo dizer que ela foi o cérebro enquanto eu fui o coração do *O Futuro é Feminino*. Sem ela, o produto nunca teria se tornado real. Porém, Clariana nunca teria entrado neste projeto se não fosse por intermédio do profº Tiago Monteiro, que nos apresentou. Desta forma, continuando as metáforas sobre o corpo humano, o papel do orientador nesta produção audiovisual foi do sangue, de manter o sistema funcionando e de nos guiar durante o processo de criação e produção. Sua paciência, conhecimento e companheirismo foram essenciais para que *O Futuro é Feminino* saísse do papel.

As metáforas acabam aqui. Durante os dois dias de gravação, três pessoas foram de suprema importância para a feitura do documentário: Tereza Nascimento, Cátia Guimarães e Luana Di Giacomo. Estas mulheres me acolheram em suas casas, forneceram abrigo, carinho e momentos de descontração durante o período que fiquei no Rio de Janeiro, se tornando ainda mais importantes na minha trajetória.

Por fim, e não menos importante, meus amigos e chefes Nathália Pandeló e Daniel Corrêa, que me apoiaram durante toda a pós-graduação, indicando bibliografia, esclarecendo minhas dúvidas e, até mesmo, emprestando o equipamento necessário para a gravação do documentário. Foi por meio do trabalho na Build Up Media que conheci as mulheres talentosas deste documentário, as quais também agradeço: Larissa Conforto, Nathanne Rodrigues, Gabriela Deptulski e Hannah Carvalho. Mulheres únicas, que doaram o seu tempo e o seu talento para ajudar na ideia de que a música pode mudar o mundo, e isso será feito com participação das mulheres.

"Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre". Simone de Beauvoir

"Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia." J. K. Rowling

MEDICI. J. C. do N. S. Produção do documentário *O Futuro é Feminino*. 42 p. Memorial descritivo. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

## RESUMO

Este projeto de documentário de curta metragem aborda a relação entre música e empoderamento feminino. O objetivo é entender como o aumento da presença feminina na música independente nacional pode contribuir para o empoderamento de mulheres. A fim de dar base aos argumentos apresentados, utilizam-se as entrevistas realizadas com as instrumentistas Larissa Conforto (Ventre), Nathanne Rodrigues (Chico de Barro) e Gabriela Deptulski (*My Magical Glowing Lens*), além da produtora e sócia do selo PWR Records, Hannah Carvalho. Mulheres conhecidas na cena independente de rock nacional e que simbolizam a importância da presença feminina na música.

**Palavras-chave:** Música. Feminismo. Empoderamento.

MEDICI. J. C. do N. S. Production of the documentary *The Future is Female*. 42 p. Descriptive memorial. Postgraduate Program Lato Sensu, specialization course in Artistic Languages, Culture and Education. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2018.

### **ABSTRACT**

This short film documentary project addresses the relationship between music and female empowerment. The objective is to understand how the increasing female presence in national independent music can contribute to the empowerment of women. In order to provide a basis for the arguments presented, interviews with the musicians Larissa Conforto (Ventre), Nathanne Rodrigues (Chico de Barro) and Gabriela Deptulski (My Magical Glowing Lens) as well as producer and partner of the PWR Records label, Hannah Carvalho are used. These women are known in the independent national rock scene and symbolize the importance of female presence in music.

**Keywords:** Music. Feminism. Empowerment.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 DEFINIÇÃO DO PRODUTO .....</b>                    | <b>11</b> |
| <b>2 FICHA TÉCNICA .....</b>                           | <b>13</b> |
| <b>3 SINOPSE .....</b>                                 | <b>14</b> |
| <b>4 MATERIAIS UTILIZADOS .....</b>                    | <b>15</b> |
| <b>4.1 IMAGEM .....</b>                                | <b>15</b> |
| <b>4.2 SOM .....</b>                                   | <b>15</b> |
| <b>5 EQUIPE DE EXECUÇÃO .....</b>                      | <b>18</b> |
| <b>6 JUSTIFICATIVA .....</b>                           | <b>19</b> |
| <b>7 OBJETIVOS .....</b>                               | <b>20</b> |
| <b>7.1 OBJETIVO GERAL .....</b>                        | <b>20</b> |
| <b>7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>                  | <b>20</b> |
| <b>8 CONCEPÇÃO METODOLÓGICA .....</b>                  | <b>21</b> |
| <b>9 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>                    | <b>22</b> |
| <b>9.1 O FEMINISMO E A MÚSICA .....</b>                | <b>26</b> |
| <b>10 ETAPAS DO PROJETO.....</b>                       | <b>30</b> |
| <b>10.1 PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DO PROJETO .....</b> | <b>30</b> |
| <b>10.2 PRÉ-PRODUÇÃO.....</b>                          | <b>31</b> |
| <b>10.2.1 CRONOGRAMA.....</b>                          | <b>32</b> |
| <b>10.2.2 PERSONAGENS .....</b>                        | <b>32</b> |
| <b>10.2.3 LOCAÇÃO.....</b>                             | <b>33</b> |
| <b>10.3 GRAVAÇÃO.....</b>                              | <b>33</b> |
| <b>10.4 PÓS-PRODUÇÃO .....</b>                         | <b>35</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>10.5 LANÇAMENTO E DISTRIBUIÇÃO .....</b> | <b>35</b> |
| <b>10.5.1 PÚBLICO ALVO .....</b>            | <b>36</b> |
| <b>11 ORÇAMENTO .....</b>                   | <b>37</b> |
| <b>11.1 ORÇAMENTO INICIAL .....</b>         | <b>37</b> |
| <b>11.2 ORÇAMENTO REAL .....</b>            | <b>38</b> |
| <b>12 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>        | <b>39</b> |
| <b>13 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b>   | <b>40</b> |

## 1 DEFINIÇÃO DO PRODUTO

Em um país considerado o pior da América Latina para se nascer mulher<sup>1</sup>, subir em um palco, tocar um instrumento e cantar sobre a experiência de ser mulher é uma atitude corajosa. No documentário *O Futuro é Feminino*, o empoderamento das mulheres por meio da música é analisado a partir das histórias de três instrumentistas brasileiras, representantes da nova cena do rock nacional, e ainda, conta com a visão de quem trabalha nos bastidores produzindo shows e discos. Imaginado para ser um instrumento de divulgação da visibilidade feminina na música, a equipe do filme conta com participantes que se identificam como mulheres. Em um mundo onde a competitividade feminina é encorajada, reunir mulheres nos bastidores e na frente da câmera é mostrar que somos mulheres possíveis.

Foi a partir destas ideias que o *pitch* do documentário foi apresentado ao prof<sup>o</sup> Tiago Monteiro. A aceitação foi imediata e após vários meses de conversa, o projeto que pretendia ser um média metragem faraônico, tornou-se um curta conciso sobre quatro mulheres que trazem a música na sua história e que encontraram espaço no cenário do rock independente nacional com ajuda de outras mulheres. Também foi com a ajuda de uma outra mulher, a codiretora e operadora de câmera, Clariana Castro, que o filme tornou-se realidade.

As entrevistadas foram Larissa Conforto, líder e baterista da banda carioca *Ventre*; Nathanne Rodrigues, vocalista e baixista da banda carioca *Chico de Barro*; Gabriela Deptulski, vocalista, guitarrista e baixista da banda capixaba *My Magical Glowing Lens*; e Hannah Carvalho, paraibana radicada em Recife, fotógrafa e sócia do selo PWR Records. Estas mulheres lutam pelo lugar da mulher na música e pelo reconhecimento de seus talentos. Durante a conversa elas contam sobre os obstáculos para alcançar o objetivo de permanecer em um espaço dominado por homens. E é para dar visibilidade a situação das mulheres instrumentistas e que exercem funções nos bastidores da indústria cultural que este documentário foi realizado.

Destinado a todos aqueles que se interessam pela equidade de gênero, o produto busca

---

<sup>1</sup> A pesquisa divulgada em 2016 pela ONG *Save the Children*, afirma que o Brasil ocupa a 102ª posição no Índice de Oportunidades para Garotas que contou com a avaliação de 144 países. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-o-pior-pais-da-america-do-sul-para-ser-menina-diz-relatorio-20270607>

incentivar a participação feminina na música e a valorização das mulheres que já trabalham na área. A produção do documentário foi realizada entre os períodos de janeiro a maio de 2017, sendo gravado nos dias 24 e 25 de maio de 2017. A pós-produção teve início em junho, com o produto audiovisual finalizado em novembro do mesmo ano, sendo apresentado para a banca em janeiro do ano seguinte.

## **2 FICHA TÉCNICA**

Direção: Júlia Ourique e Clariana Castro

Câmera: Clariana Castro

Roteiro: Júlia Ourique

Edição e finalização: Larissa Pompeu

Som: Gabriela Deptulski

Orientação do projeto: Tiago Monteiro

Entrevistadas: Larissa Conforto, Nathanne Rodrigues, Gabriela Deptulski e Hannah Carvalho

Gênero: Documentário

Ano: 2017

País: Brasil

Apoio: Núcleo de Criação Audiovisual (NUCA) e Build Up Media

### 3 SINOPSE

Mulheres e a música sempre andaram juntas. Na MPB e na música pop, as mulheres dominam o mercado de forma voraz. Difícil é pensar em músicos homens nessas áreas que tenham tanto sucesso. Quando analisamos a cena rock, os números mudam drasticamente. As mulheres são a minoria em cima dos palcos e atrás deles, nos bastidores, exercendo funções de produção. O documentário *O Futuro é Feminino* surge da vontade de conhecer e divulgar o trabalho das mulheres que são instrumentistas ou trabalham nos bastidores, e que mesmo com tanto machismo, estão trilhando suas carreiras na cena independente de rock nacional.

Participam do documentário a baterista carioca da *Ventre*, Larissa Conforto; a guitarrista, baixista e compositora do grupo capixaba *My Magical Glowing Lens*, Gabriela Deptulski; a baixista, guitarrista e compositora da banda carioca *Chico de Barro*, Nathanne Rodrigues; e a sócia do selo musical pernambucano PWR Records, Hannah Carvalho.

## 4 MATERIAIS UTILIZADOS

### 4.1 IMAGEM

Os equipamentos utilizados para a captação de imagens do curta-metragem se resumem a dois principais itens: Câmera digital Canon 5D (figura 3), com lente de 50mm. O uso de tripé não se tornou necessário devido à alta movimentação de câmera durante a gravação da entrevista e da *jam*<sup>2</sup>.



Figura 3: Câmera digital Canon 5D  
Foto disponível em: <<http://www.imaging-resource.com/>>. Acesso em 22 nov. 2017

### 4.2 SOM

---

<sup>2</sup> Termo da música popular que significa tocar no improviso. Prática original do jazz alastrou-se por outros gêneros musicais (PINHEIRO, 2010)

Para a captação de som foram utilizados três itens. Para a entrevista, foi utilizado microfone RODE VideoMic com sistema de suspensão *Rycote Lyre* (figura 4), acoplado à sapata da câmera; Para a *jam*, a equipe utilizou o microfone modelo Shure SM58LC (figura 5) que captou o som dos instrumentos graças ao software Ableton Live 9 (figura 6).



Figura 3 - Microfone RODE VideoMic com sistema de suspensão Rycote Lyre  
Foto disponível em <[www.americanas.com.br](http://www.americanas.com.br)>. Acesso em 20 ago. 2017.



Figura 4 - Microfone modelo Shure SM58LC  
Foto disponível em: <[www.djaudiocontrol.com.br](http://www.djaudiocontrol.com.br)>. Acesso em 20 ago. 2017.



Figura 5 - software Ableton Live 9  
Foto disponível em: <[www.krvaudio.com](http://www.krvaudio.com)>. Acesso em 20 ago. 2017.

## 5 EQUIPE DE EXECUÇÃO

No audiovisual não há trabalho solitário. Durante este documentário, não foi diferente. Feito “no amor”, o produto contou com a força de mulheres que se uniram para passar uma mensagem de empoderamento feminino na música. Com uma equipe de duas pessoas, desde o planejamento dos dois dias de gravação, a sororidade estava firme. As diretoras Júlia e Clariana ficaram responsáveis pelo *catering*<sup>3</sup>, pelo transporte de equipamento e pela mudança de locação, além de, coordenar o posicionamento das câmeras e o andamento da gravação.

Na pós-produção, Clariana Castro convidou Larissa Pompeu para participar da equipe, entrando como editora do documentário. Mesmo com a equipe reduzida, o processo de produção e pós-produção teve resultados satisfatórios.

---

<sup>3</sup> Serviço que consiste em garantir alimentação para a equipe envolvida no documentário.

## 6 JUSTIFICATIVA

Quando um homem entende de música, ele é *cult*. Quando uma mulher entende do mesmo assunto, ela está à procura de homem. Quando um homem decide trabalhar com música, ele está seguindo um sonho; quando uma mulher aprende a tocar um instrumento, ela está à procura de homem. A principal ideia deste documentário é mostrar que a música, dentre tantos adjetivos, também pode ser empoderadora. As canções têm o poder de fazer com que mulheres se reconheçam, sintam-se mais fortes e importantes. Para ilustrar a ideia, foram convidadas três mulheres de destaque na cena independente nacional: Larissa Conforto, Nathanne Rodrigues, Gabriela Deptulski e Hannah Carvalho. Cada uma delas é líder em uma banda de homens, e lutam pelo maior reconhecimento da mulher na música. Elas superaram o machismo da área para realizar o sonho de trabalhar com música e irão contar como a música as ajuda na luta contra a misoginia na vida pessoal e profissional.

As personagens foram escolhidas a partir da sua história única com a música. Larissa Conforto, baterista, lidou e lida com preconceito dentro do mundo da música, que ela combate se posicionando contra o machismo nos shows; ainda hoje, baterista canhota, ela tem que lidar com o machismo. Gabriela Deptulski não era respeitada dentro da música e ela mesma não confiava em seu talento. Estes obstáculos não foram suficientes para calar a voz de Gabriela. Ela compôs, tocou todos os instrumentos, produziu e masterizou cada uma das músicas do EP homônimo de estreia da banda *My Magical Glowing Lens*. Nathanne Rodrigues, diferente das outras histórias, sofreu preconceito de outras mulheres no mundo da música. Já Hannah Carvalho é uma das donas do selo PWR Records, que incentiva bandas de mulheres e promove o evento “Jam das Minas”, que une mulheres instrumentistas no palco.

Transformar este tema em documentário é contribuir para as reflexões sobre empoderamento feminino por meio da música. A presença de mulheres no palco, compondo e dividindo suas experiências, têm o poder de fazer com que as fãs se reconheçam e se sintam mais fortes. Este trabalho destina-se, assim, a todos aqueles que se interessam pela equidade de gênero e pela música, e visa incentivar o aumento da participação feminina na música - seja no palco ou no *backstage* - além de buscar a valorização das mulheres que já trabalham na área.

## **7 OBJETIVOS**

### **7.1 OBJETIVO GERAL**

Realizar um documentário que contribua para as reflexões sobre empoderamento feminino por meio da música.

### **7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Divulgar a presença de mulheres na música, independentemente da função;

Expor os obstáculos enfrentados pelas musicistas em suas carreiras;

Registrar a importância política de mulheres que se dedicam à música;

Inspirar outras mulheres a transformar suas histórias em arte.

## 8 CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

Gravado segundo o modo participativo (NICHOLS, 2005), o documentário é uma conversa entre a entrevistadora e diretora do filme, Júlia Ourique, e as personagens, Larissa Conforto, Nathanne Rodrigues, Gabriela Deptulski e Hannah Carvalho. Ao pensar neste formato, o objetivo foi de deixar as entrevistadas à vontade para conseguir um material que represente a personalidade e a luta destas mulheres. A partir do cinema documentário de Eduardo Coutinho, acredita-se que a conversa é o melhor método de estudo. “Se você se posta a uma distância de três metros do seu interlocutor para não aparecer na imagem, você não está conversando com essa pessoa. Ninguém conversa a essa distância” (COUTINHO *apud* BRAGANÇA, 2009, p.31).

O inusitado, a emoção e os sentimentos foram a força motriz deste projeto, que ambicionou documentar esse momento no cenário independente de rock em que as mulheres conquistam seu espaço. Entre as principais ideias do *O Futuro é Feminino*, está o protagonismo das mulheres instrumentistas e o lugar de fala. As quatro mulheres que participam da conversa no documentário contam sobre a relação com outros músicos, os abusos, os preconceitos e qual tem sido a solução que elas encontraram para sobreviver em um cenário hostil às mulheres.

Muito além da conversa que cria vínculo, o documentário também enfatiza na sintonia entre estas mulheres quando se encontram para tocar. Para isso, foram utilizadas imagens das instrumentistas em uma *jam* realizada especialmente para o documentário, no estúdio Polo Norte, em Vila Isabel. O objetivo da inserção desta performance no produto foi celebrar o talento e o esforço dessas mulheres, inspirar meninas e mulheres a seguirem carreira na música e mostrar que, apesar de todas as dificuldades e abusos que sofreram, a música fala mais alto e é possível superar o machismo da indústria.

## 9 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A música é uma ferramenta que transmite significados, emoções e histórias (VLADI, 2011); na cena independente de música, cada vez mais as mulheres têm tomado para si a narrativa de suas histórias, incentivando outras a sair de situações de violência e opressão. É por meio da música que muitas mulheres conseguem tomar coragem para lidar com situações de machismo em suas vidas (CASADEI, 2013). Relacionar feminismo e música não é uma tarefa fácil. Ainda que o feminismo seja uma das principais pautas sociais desde 2014, a música continua sendo negada às mulheres. Não lhes é permitido ser artista, as mulheres são musas. Objetos, nunca sujeitos (BEAUVOIR, 1980). A ideia de que trabalhar com música não é um trabalho sério, também dificulta a tarefa.

O feminismo abarca muitas lutas. Como as mulheres são muito diferentes entre si, assim é o movimento. Negras, lésbicas, transexuais, *queer*, gordas, magras, indígenas... Somos muitas e sofremos diferentes tipos de preconceitos, porém há algo que nos une: o ser mulher. É clichê nesse momento citar Simone de Beauvoir e dizer que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1980, p.09). O reconhecer-se neste gênero implica muitos pontos positivos, mas também traz a percepção de que algumas coisas não são permitidas pela sociedade.

Não é permitido à mulher fazer uma obra positiva e, por conseguinte fazer-se reconhecer como pessoa acabada. Por respeitada que seja, é subordinada, secundária, parasita. A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos. (BEAUVOIR, 1980, p.210)

A partir do momento que o sujeito se identifica como mulher, certas atitudes são esperados dele. Uma performatividade de gênero, como denomina Judith Butler:

A repetição parodística do gênero denuncia também ilusão da identidade de gênero como uma profundeza intratável e uma substância interna. Como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revela seu *status* fundamentalmente fantasístico (BUTLER, 2013, p.211)

A fantasia citada por Butler, nada mais é do que a imaginação de que mulheres devem agir de forma X ou Y. Este mesmo tipo de pensamento também induz a crença de que mulheres na música são namoradas, *groupies*<sup>4</sup> ou cantoras. Tocar um instrumento? Só se for para conquistar algum homem.

A representação da mulher no universo do rock'n'roll é enormemente influenciada por essa concepção essencialista dos sexos. Soma-se a isso o fato de o rock'n'roll ser considerado um gênero musical essencialmente masculino, e o resultado é um modelo que reduz as possibilidades de representação da mulher a pouco mais de três “papéis” possíveis. Assim como a associação automática entre “massa histórica” e “mulher” deve ser questionada, é preciso problematizar a idéia de que o rock'n'roll seria um gênero masculino por excelência. (MONTEIRO, 2004, p.39)

A heteronormatividade também costuma reinar quando se trata de mulheres na música. O empoderamento feminino por meio da música se relaciona a um contexto histórico. Cansadas de serem *groupies*, por volta da década de 90, as mulheres pegaram instrumentos, ensinaram outras a tocar e, no espírito do *faça você mesmo*, construíram suas carreiras. O movimento foi chamado de *riot grrrls* e tinha como principal proposta combater o machismo existente no rock. Para alcançar este objetivo, estas mulheres publicavam fanzines, organizavam seus festivais e cuidavam de toda parte técnica.

Nestas publicações se questionava o machismo inerente à música, criticando abertamente suas práticas discriminatórias. E é por isso que tocar se transformou em um ato político, no qual o mais importante era ousar. Festivais, fanzines, oficinas de instrumentos entre mulheres e uma série de encontros culturais, puseram sobre a mesa um discurso feminista e gay com uma perspectiva crítica. Incluíram os homens em suas bandas e acabaram com o feminismo separatista oitentista, dando passo ao pós-feminismo. (BECKER, 2011, p.56, tradução nossa)<sup>5</sup>

O machismo ainda persiste na música. Mas, agora, as mulheres tinham uma forma de

---

<sup>4</sup> O termo *groupie* foi utilizado pela primeira vez em 1967 para descrever garotas que seguem estrelas do pop ou membros de bandas de rock. Na maioria das vezes, em busca de relações pessoais ou sexo.

<sup>5</sup> O texto original em língua espanhola é: “En estas publicaciones se cuestionaba el machismo inherente a la música, criticándose abiertamente sus prácticas discriminatorias. Es por ello que tocar se transformó en un acto político, en el cual lo más importante era atreverse. Festivales, fanzines, talleres de instrumentos entre mujeres y una serie de encuentros culturales pusieron sobre la mesa un discurso feminista y gay con una perspectiva crítica. Incluyeron hombres en sus bandas y acabaron con el feminismo separatista ochentero, dando paso al postfeminismo.”

tornar públicas as situações pelas quais passavam. Em sua autobiografia, a baixista da banda Sonic Youth, Kim Gordon, fala sobre a objetificação feminina pela qual as mulheres que fazem parte de uma banda são sujeitadas. “Foi então que soubemos que, para as grandes gravadoras, a música importa, mas muito se resume ao visual da garota. A garota ancora o palco, suga o olhar masculino, e, dependendo de quem ela é, lança seu próprio olhar de volta para a plateia” (2016, p.11). É a partir de relatos como o dela, e de outras integrantes de bandas de rock, que a importância de unir feminismo e música se torna ainda mais visível. Cada um encontra a sua forma de denunciar as mazelas do patriarcado. Neste projeto, a forma utilizada foi o audiovisual, que dialoga com um público que se relaciona muito mais com as imagens do que com as palavras.

Criar imagens de identidades sub-representadas é simplesmente isto: criar imagens (...). Um plano fixo de uma mulher não estabelece necessariamente uma identidade essencial, especialmente se ela fala (ou descreve) diante da câmera a ambiguidade que sente em relação a sua identidade. Posto que boa parte dos movimentos audiovisuais feministas – e de outras identidades – relaciona-se especificamente à construção de nossa própria identidade em uma sociedade que normalmente já cuida de determinar uma às minorias; a maior parte das produções audiovisuais realistas das minorias acaba por mostrar pessoas que refletem sobre o significado, a reinterpretação e a importância de sua própria identidade. (JUHASZ apud MAIA, 2015, p.70).

Criar uma narrativa em torno de personagens mulheres é dar voz a uma minoria. A baterista canhota que não é levada a sério por sua equipe técnica; a multi-instrumentista que gravou um álbum sozinha, pois ninguém acreditava no seu talento; ou a baixista e guitarrista que, por não acreditar, em seu talento como compositora e cantora, usou um pseudônimo para divulgar suas canções. Falar sobre estas mulheres é empoderar aquelas que sofrem com um patriarcado que grita: “*rock and roll* não é para mulheres”. Quando o machismo grita, elas cantam que “um homem não te define, sua casa não te define, sua carne não te define, você é seu próprio lar”.<sup>6</sup> A ideia de fazer um documentário sobre a conexão entre feminismo e música vem da noção de que o audiovisual é uma ferramenta que permite fluidez, receber diferentes significados a partir dos olhos de quem assiste, e não de quem dirige.

Todo momento você está errando, tanto que, quem faz esse tipo de coisa toda... a

---

<sup>6</sup> Trecho retirado da canção “Triste, Louca ou Má”, da banda Francisco, el Hombre.

noção de filme perfeito e de obra prima acaba, não existe perfeição. A força do documentário é que ele é imperfeito, é lacunar, é fragmentário, é precário. E nisso ele é completo. (COUTINHO apud BRAGANÇA, 2009, p. 143).

É mais um caso em que, citando McLuhan, o meio é a mensagem<sup>7</sup>. Não é o filme, mas o que se faz com ele que o torna necessário. Diferentemente do que se vê em produções audiovisuais ficcionais, o documentário traz o ideário da verdade. Porém, como jornalista, é senso comum a noção de que existem diversas versões do que se toma como real. Um filme que traz uma equipe exclusivamente feminina, por exemplo, terá uma perspectiva da representação diferenciada. O feminismo não é uma pauta recorrente nos documentários dirigidos por mulheres, mas o próprio ato da mulher pensar e coordenar um filme já torna a tarefa empoderadora. Ocupar espaços que são negados ao gênero feminino é resistir ao que é imposto por uma sociedade patriarcal em sua predominância. De acordo com Hankin (2007), no artigo *And Introducing... The Female Director: Documentaries about Women Filmmakers as Feminist Activism*, o feminismo está intrínseco ao ato de dirigir.

Embora nem todas as diretoras se identifiquem como feministas, historicamente muitas escolheram contar histórias que explicitamente ou implicitamente desafiam, em vez de aceitar, as representações dominantes da identidade feminina. Essas representações, por sua vez, desempenham papéis significativos na criação de noções populares e discursos acadêmicos sobre o feminismo. (HANKIN, 2007, p.60)<sup>8</sup>

O empoderamento feminino vem no bojo dessa onda de representações femininas. Quanto mais representações positivas temos da mulher, maior é o sentimento de reconhecimento. Quando a mulher é retratada no cinema como um pedaço de carne, assim ela é vista pela sociedade. Mary Ann Doane (1981) observa, em seu artigo *Woman's stake: filming the female body*, as inúmeras opressões que as mulheres podem passar em um filme. Ela conta que um movimento de câmera carrega toda uma problemática dominante, patriarcal e repressiva que precisa ser discutida. O *voyeurismo* e o fetichismo seguem as personagens femininas nos produtos audiovisuais como sombras, e cabe a nós, espectadoras, resistir ao

<sup>7</sup> MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. 1969, p. 21

<sup>8</sup> O texto original em inglês é: While not all women directors identify as feminists, many have historically chosen to tell stories that explicitly or implicitly challenge, rather than subscribe to, dominant representations of female identity. These representations in turn play significant roles in generating popular notions of and academic discourses about feminism.

padrão.

## 9.1 O FEMINISMO E A MÚSICA

Em um contexto de transformação da indústria musical a partir da consolidação da cultura digital, na qual os meios de produção, divulgação, distribuição, circulação e consumo foram reconfigurados (HERSCHMANN, 2010), este documentário tem como objetivo refletir sobre o funcionamento da atual cena musical independente no âmbito do rock. Neste ambiente as mulheres instrumentistas vêm se inserindo de forma política, alinhando seu discurso ao feminismo da quarta onda<sup>9</sup> e, assim, demonstrando que a música, dentre tantos adjetivos, também pode ser empoderadora.

A música é substantivo feminino e, cada vez mais, as mulheres tomam o lugar que lhes pertence: o de donas de suas próprias histórias, vozes, canções. Não é difícil encontrar na mídia declarações de cantoras e instrumentistas que reclamam do machismo na música. Como a cantora Björk, que desabafou em sua *fanpage* no Facebook, em dezembro de 2016.

As mulheres na música estão autorizadas a serem cantoras e compositoras que cantam sobre seus namorados. Se elas mudam de assunto para átomos, galáxias, ativismo, matemática *nerd* usada na edição de batidas ou qualquer outra coisa além de serem intérpretes cantando sobre seus amores, elas são criticadas: os jornalistas sentem que falta algo, como se nossos únicos assuntos fossem emocionais. (...) Aos homens é permitido passar de um assunto a outro, fazer ficção científica, obras de época, palhaçadas e serem cômicos, *nerds* de música que se perdem esculpindo uma atmosfera sonora. Às mulheres não. Se não rasgarmos o peito e sangrarmos sobre os homens e crianças de nossas vidas, estamos enganando nosso público.

Objetos, nunca sujeitos, as mulheres têm dificuldade de se estabelecerem como uma voz a ser ouvida, já que suas palavras, e no caso da música, suas canções, falam de um universo não masculino e, portanto, não importante. Já os homens, independente dos assuntos que tratam, são porta vozes da humanidade, e tem liberdade para falar de qualquer assunto. O gênero, nesse caso, é uma forma de definir e, portanto, restringir, os papéis adequados aos homens e às mulheres (SCOTT, 1995, p.75). Quem também falou sobre o machismo na

---

<sup>9</sup> O feminismo da quarta onda, segundo MATOS (2014), tem início no Brasil e na América Latina na primeira década de 2000. Entre as principais pautas deste período estão o fim do tradicionalismo social; a descolonização do saber; e o fim do patriarcado, racismo e heteronormatividade, em uma dimensão política.

música foi a cantora Karina Buhr, em entrevista concedida ao portal de notícias G1, em dezembro de 2016.

O machismo é estrutural, está em todas as nossas relações sociais, no trabalho, na política, na família. As mulheres não são ouvidas, quando falamos ouvimos sempre, inclusive dos melhores amigos homens, 'não acho que seja assim, discordo'. Mano! A gente que sente na pele, escuta a gente!

A história da música brasileira está repleta de exemplos que ofendem e oprimem a mulher. A “Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, que por anos foi tida como uma ode à mulher brasileira, nada mais era do que uma canção que criticava as mulheres de opinião. E ainda, a “Lôra Burra”, do Gabriel, O Pensador, ofende a inteligência das mulheres, entre outros xingamentos. Ainda que o feminismo seja uma das principais pautas sociais desde 2014, e em alguns gêneros as mulheres estejam conquistando seu espaço (como o pop e o sertanejo), no rock a relação entre mulher e cena não está equilibrada.

Quando se fala em música independente no Brasil, não há como fugir da ideia *do it yourself*<sup>10</sup>, cunhada pelo movimento punk dos anos 70. A ideologia criou raízes que influenciaram a moda, o *design* e, como não poderia deixar de ser, a música. Grupos de jovens se reuniam para falar sobre as bandas de que gostavam, trocar material, confeccionar camisetas, fanzines e, se alguém tivesse uma inclinação à música, com auxílio de gravadores e fitas cassete, começavam a registrar suas músicas e compartilhá-las em outros grupos (DAPIEVE, 2000). Porém, ainda que uma comunidade de fãs começasse a surgir, o rock ainda era um gênero musical marginalizado até o surgimento do BRock, na década de 80. Antes disso, somente na Jovem Guarda o estilo teve apoio da mídia, chegando a se tornar um produto comercializável. Passada a onda de popularidade que o gênero musical obteve durante os anos 80, até hoje o rock não é considerado um produto popular, consumido em alta escalas pela massa - como acontece com outros estilos, como o pagode, o axé e o sertanejo (FERNANDES, 2007).

A cena independente nacional ganhou força a partir do acesso a equipamentos de gravação e produtos importados de forma facilitada. Esse fenômeno acontece a partir da

---

<sup>10</sup> Faça você mesmo, em livre tradução.

década de 90, começando em certas regiões do país e praticadas por gêneros musicais que não recebiam cobertura da grande mídia, indo de encontro à cultura de consumo estabelecido em torno da música sertaneja e do axé *music* (FERNANDES, 2007, p. 38). No início do século XXI, houve a popularização da internet e de equipamentos, como as mídias graváveis e dos softwares de gravação. A partir deste barateamento, a música foi um dos meios que mais sofreu grandes mudanças: com um computador pessoal, um conhecimento básico de gravação e de edição, qualquer pessoa poderia gravar suas músicas e disponibilizá-las online. Foi desta forma que muitas bandas surgiram, festivais foram organizados e selos independentes foram criados. Com a experiência dos selos independentes e com as redes sociais, os músicos tiveram a oportunidade de conectar-se de uma forma diferenciada e mais íntima com o público, compartilhando opiniões e experiências.

Para mim era bastante simples: você dá duro, toca para seu público, conversa, se comunica, abraça e se conecta de todas as formas possíveis com seus ouvintes, e eles por sua vez dão apoio e convertem os amigos em nossos fãs também. É aí que a música funciona melhor, quando as pessoas a utilizam para formar comunhão e conexão. Simples assim. (PALMER, 2015, p. 97)

É a partir da disseminação dos selos e artistas independentes que a frase *do it yourself* (faça você mesmo) transformou-se em *do it together* ( façamos juntos). O que antes exigia a intermediação de uma gravadora para acontecer, foi substituído por músicos que se entregam totalmente à sua música, indo do planejamento ao marketing, sem esquecer da parte criativa, que ainda permanece intacta. Para o músico é a chance de ter um produto que tenha a sua personalidade, enquanto para os fãs é a criação de uma relação mais íntima com o artista (PALMER, 2015, p. 193). Esse vínculo entre músico e fã também é fator importante na produção de presença - que seria aquele momento indescritível em que ao assistir a um filme, ouvir uma música, ou presenciar um fenômeno da natureza, nos sentimos conectados com o mundo - ao criar circunstâncias para que o ouvinte sinta-se empoderado e/ou conectado a ouvir a canção favorita (GUMBRECHT *apud* SÁ, 2014). A noção de complexidade da cena musical deriva da análise de Sá (2011), que entende que a noção de cena traz como referências:

a) A um ambiente local ou global; b) Marcado pelo compartilhamento de referências estético-comportamentais; c) Que supõe o processamento de referências de um ou mais gêneros musicais, podendo ou não dar origem a um novo gênero; d) Apontando para as fronteiras móveis, fluidas e metamórficas dos grupamentos juvenis; e) Que supõem uma demarcação territorial a partir de circuitos urbanos que deixam rastros concretos na vida da cidade e de circuitos imateriais da cibercultura, que também deixam rastros e produzem efeitos de sociabilidade; f) Marcadas fortemente pela dimensão midiática. (pg.157)

Nesse cenário, o rock se transforma em ponte para a discussão do feminismo e o fortalecimento das mulheres, traduzindo debates do movimento - como a noção de sororidade, empoderamento e objetificação - para jovens que se sentem afastadas do feminismo teórico. O sentido de empoderamento, nesse caso, se aplica não como na tradução literal do termo em inglês, *empowerment*, significando “dar poder a”, mas sim, sob uma ótica freiriana, acreditando que o significado de empoderamento vem do poder interior, criado pelo próprio indivíduo e compartilhado com os seus semelhantes.

Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade (FREIRE e SHOR, 1986, p.71).

As mulheres instrumentistas, as compositoras, ou mesmo as que trabalham nos bastidores, editando, produzindo e mixando as músicas, se tornam figuras de empoderamento feminino quando, ao assumirem posições ocupadas em sua maioria por homens, mostram que a mulher é capaz de exercer qualquer função dentro da indústria musical. Ocupar espaços que são negados ao gênero feminino é resistir ao que é imposto por uma sociedade patriarcal em sua predominância. (ROCHEDO, 2012, p.14).

## 10 ETAPAS DO PROJETO

Como afirma Soares (2009, p. 30), "o discurso do filme documentário tem por característica o de ser um discurso sustentado por ocorrências do real. Trata efetivamente daquilo que aconteceu, antes ou durante as filmagens, e não daquilo que poderia ter acontecido como no caso do discurso narrativo ficcional". A representação do real<sup>11</sup> que eu buscava quando o documentário era só uma ideia, mostrou-se o resultado de um processo que envolveu sororidade, planejamento e mudança de planos, tal como a vida é.

### 10.1 PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DO PROJETO

Era maio de 2016, exatamente um ano antes de gravar as cenas de "O Futuro é Feminino", entrei em contato com o meu orientador, Tiago Monteiro. Tinha começado há pouco tempo a Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação (LACE), mas já tinha a certeza de que meu objeto de estudo seria música e feminismo. Foi durante as aulas de "Poética da Imagem e do Som", ministradas pelo professor, que me encantei ainda mais pelo audiovisual.

Lembro que tentaram me dissuadir da ideia de convidar um homem para orientar este projeto, pois acreditavam que tal participação poderia ser mal vista. Ledo engano. A experiência e os ensinamentos do professor foram essenciais para que o filme saísse do papel. Apresentei a ideia para o Prof. Tiago como um média metragem, que englobaria diversas personalidades e falaria sobre o crescimento da presença feminina em diversos gêneros musicais, fazendo, inclusive, uma historiografia sobre o encontro do feminismo com a música brasileira. Mesmo que a proposta fosse faraônica, Tiago aceitou me orientar.

Na semana seguinte, fui apresentada à Clariana Castro, aluna do IFRJ e monitora do Núcleo de Criação Audiovisual (Nuca), que se interessava pela temática e já possuía

---

<sup>11</sup> O termo refere-se ao utilizado por Bill Nichols no livro *Introdução ao Documentário* (2005): "Se o documentário fosse uma reprodução da realidade (...) teríamos simplesmente a réplica ou cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo" (p.47).

experiência na produção de filmes. A ligação foi imediata e ela se mostrou entusiasmada com o projeto, apresentando diversas ideias para o que, até então, era só um sonho. Em nosso primeiro encontro como codiretoras do documentário, decidimos que ele se tornaria um curta metragem, a fim de participar de editais para patrocínio e ter mais chances de circular em festivais especializados.

No segundo semestre de 2016, ao retornar das férias, Tiago Monteiro pediu licença para dedicar-se ao pós-doutorado, realizado em São Paulo. Mas isso não impediu que ele continuasse esclarecendo minhas dúvidas e incentivando a continuar no projeto do filme. Emprestou-me uma série de livros e indicou diversos documentários para que eu escolhesse qual modelo seria utilizado no filme. Foi neste momento que conheci a obra do diretor Eduardo Coutinho. Também vindo do jornalismo, o olhar do cineasta para com seus entrevistados e a relação que ele tinha com a câmera, era o que eu buscava quando pensava em contar a história destas mulheres instrumentistas.

Creio que a principal virtude de um documentarista é a de estar aberto ao outro, a ponto de passar a impressão, alas verdadeira, de que o interlocutor, em última análise, sempre tem razão. Ou suas razões. Essa é uma regra de suprema humildade, que deve ser exercida com muito rigor e da qual se pode tirar imenso orgulho. Filmar sempre o acontecimento único, que nunca houve antes, e nunca haverá depois. Mesmo que seja esse provocado pela câmera. Mesmo que não seja verdade. Sem esse sentimento de urgência em relação ao que estará perdido se não for filmado simultaneamente, para que fazer cinema, atividade no fim das ondas lenta, cansativa e pouco rentável? (COUTINHO apud BRAGANÇA, 2008, p.30).

O cinema de Coutinho seguia o modelo chamado participativo, que "ênfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto" (NICHOLS, 2005). Após decidida a forma do produto audiovisual, precisávamos encontrar as personagens que ajudariam a representar na tela o empoderamento feminino por meio da música, bem como uma forma de viabilizar o projeto financeiramente.

## 10.2 PRÉ-PRODUÇÃO

Produções cinematográficas são caras, mas eu estava criando um documentário

universitário, portanto não precisaria de tanto dinheiro. O NUCA forneceria o equipamento e meus amigos iriam me ajudar de forma voluntária; já estava tudo decidido e eu não precisava me preocupar. A falta de conhecimento me levou a acreditar nestas ideias e foi assim que, mais uma vez, a experiência do orientador e da codiretora, Clariana, foram essenciais. Após uma breve conversa sobre os profissionais necessários para formar uma pequena equipe, e os custos disso, tomamos a decisão de inscrever-nos em editais que apoiavam a produção universitária de audiovisual. Assim, nos inscrevemos nos seguintes editais: “Curtas”, lançado pelo canal Futura; “Territórios Culturais”, do Governo do Estado do Rio de Janeiro; e, por fim, o “Eclipse”, promovido pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Apesar das tentativas, não fomos bem sucedidas, e o documentário teve sua equipe reduzida a duas pessoas: Clariana e eu, que bancamos o projeto sozinhas.

#### 10.2.1 CRONOGRAMA

Ainda que não contássemos com o apoio financeiro dos editais, o cronograma até a pós-produção saiu de acordo com o planejamento. As entrevistadas para o documentário, até então, vinham de Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) e, ainda que uma delas tivesse que ser cortada por falta de verba para financiar o transporte, as gravações ocorreram em maio de 2017, como previsto desde o início.

Foi na fase de pós-produção, durante a edição e finalização do filme, que o cronograma atrasou, e o projeto que tinha previsão de lançamento para setembro de 2017, foi transferido para janeiro de 2018.

#### 10.2.2 PERSONAGENS

A principal ideia deste documentário é mostrar que a música, dentre tantos adjetivos, também pode ser empoderadora. As mulheres que tocam instrumentos, produzem eventos e sobem ao palco, seja em qual função for, têm o poder de fazer com que mulheres se reconheçam, sintam-se mais fortes. Para ilustrar a ideia, foram convidadas três instrumentistas de destaque na cena independente nacional: Larissa Conforto, Nathanne Rodrigues e Gabriela Deptulski. Cada uma delas toca um instrumento e se põe como líder em uma banda que conta

com integrantes homens, e lutam pelo maior reconhecimento da mulher na música. Elas superaram o machismo da área para realizar o sonho de trabalhar com música e contam, durante o documentário, sobre como elas lidam com o machismo na cena de rock independente.

As personagens foram escolhidas dentro da sua história única com a música. Larissa Conforto, baterista desde a pré-adolescência, foi escolhida por ter lidado com diversas formas de violência de gênero e misoginia dentro do mundo da música. Ainda hoje, baterista canhota, ela tem que lidar com o machismo. Nathanne Rodrigues é baixista e guitarrista, e não acreditava que tivesse talento para compor e cantar, até que foi incentivada por outras mulheres a investir em suas composições, ainda que fosse por meio de um pseudônimo masculino – o Chico de Barro. Gabriela Deptulski não era respeitada dentro do meio musical e mesmo ela já tinha desacreditado de seu potencial; Foi quando, sem pretensão, ela resolveu gravar as canções que tinha guardadas, em seu quarto ela tocou todos os instrumentos, produziu e masterizou cada uma das músicas do EP homônimo de estreia da banda *My Magical Glowing Lens*.

### 10.2.3 LOCAÇÃO

Desde que comecei a trabalhar com a banda *Ventre*, percebi que o estúdio deles, na época chamado de *Swing Cobra*, era um lugar mágico. Durante a pré-produção do documentário, ele foi rebatizado de Polo Norte, e a ideia inicial da equipe era de filmar entrevistas e a *jam* no local, porém, devido a contratempos que serão detalhados no próximo item, a conversa foi gravada na casa de Larissa Conforto, e a apresentação das instrumentistas permaneceu no estúdio. O local é uma casa comum, porém com um dos cômodos transformados para tornar-se um estúdio de gravação, com o isolamento acústico necessário para não incomodar os vizinhos, pois está localizado em um bairro residencial, entre o Maracanã e a Tijuca.

### 10.3 GRAVAÇÃO

Como mencionado anteriormente, a gravação envolveu alguns contratempos. O

processo levou dois dias (24 e 25 de maio) neste curto espaço de tempo contamos com: atrasos para a chegada de membros da equipe e também das entrevistadas; mudança de local de filmagem sem que a equipe fosse avisada com antecedência; *catering* que não foi o suficiente, pois graças à mudança de local, o novo “set de filmagem” tinha mais pessoas do que o planejado. Mas como diz Coutinho: “Se não tiver surpresa na filmagem, não vale a pena fazer documentário. Filme, em geral, e documentário principalmente, são feitos para você ter surpresas. É você não ter aquilo que você já sabe. Aquilo que você já sabe não interessa. Se o filme já está feito na cabeça, é melhor não fazê-lo, está pronto” (2008, p. 144).

Uma das entrevistadas, Gabi Deptulski, estava finalizando seu álbum de estreia e isso aconteceu literalmente durante a gravação. A mixagem, que deveria ter sido feita anteriormente, não aconteceu e, por isso, a banda capixaba *My Magical Glowing Lens* se reuniu na sala da Larissa Conforto para mixar as faixas, em menos de 24h. Durante a entrevista, é possível observar que a falante Gabriela está apreensiva e a razão é justa: o seu primeiro disco, *Cosmos*, estava sendo mixado às pressas. A gravação sofreu com esse inconveniente, porém o disco foi bem recebido pela crítica, levando a banda a ser indicada como “Revelação do Ano”, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Quando a equipe d’*O Futuro é Feminino* pensou em *catering*, acreditávamos que teríamos de lidar com três entrevistadas. Mas no dia da gravação, as três se tornaram quatro. Até aí, nada de demais. A fotógrafa e sócia do selo PWR Records, Hannah Carvalho, foi um “achado”, sua história, sua importância para o cenário nacional independente são inegáveis. O problema é que, junto de Gabi, estavam os outros três integrantes da *My Magical Glowing Lens*; e junto de Nathanne Rodrigues, estava um integrante da banda dela, Chico de Barro. Em dado momento, foi preciso parar a gravação para comprar mais itens.

Além desta razão, a filmagem da entrevista teve a sua locação alterada para que Larissa Conforto se sentisse segura. Sua avó morrera há uma semana, no dia do seu aniversário, e ela ainda se recuperava. Inclusive, no segundo dia de gravação, a baterista tinha acabado de retornar da missa de sétimo dia. Como se isso não fosse o suficiente, a entrevistada estava empacotando itens para a mudança para São Paulo. Crescendo e sendo reconhecida como instrumentista, Larissa havia se tornado integrante da banda que acompanha a cantora Tiê, além de apresentar-se com Thiago Pethit em projeto tributo à Patti

Smith<sup>12</sup>.

Mesmo com tantas surpresas, a gravação foi satisfatória. Cansativa como um dia de trabalho, porém as conversas cultivadas em frente à câmera valeram cada esforço. Com paciência, empatia e confiança, a equipe técnica formada exclusivamente por mulheres conseguiu mostrar que, juntas, somos mais fortes.

#### 10.4 PÓS-PRODUÇÃO

Nenhum dos conselhos do orientador deste projeto poderiam nos preparar para o que veio durante a pós-produção. De divórcio à doença, de mudança de estágio a apresentações em Congressos, tudo contribuiu para que a previsão de lançamento inicial se tornasse impossível. No princípio a ideia era apresentar o documentário para a banca em setembro, e durante o momento da montagem e edição das cenas, registraram-se estes contratempos.

Para realizar a edição, foram utilizados critérios como ritmo, alternando cenas de plano aberto e a gravação da jam, mostrando a interação entre as entrevistadas. A fim de tornar o documentário dinâmico, optou-se pela não utilização do tripé. Desta forma, a operadora de câmera teve possibilidade de mover-se sem obstáculos, obedecendo a seus instintos.

Ao finalizar o curta, o conteúdo será registrado na Agência Nacional de Cinema (Ancine), para requerimento do Certificado de Produto Brasileiro (CPB), a fim de que ele possa circular entre festivais e canais de TV.

#### 10.5 LANÇAMENTO E DISTRIBUIÇÃO

Conforme expresso desde o início do projeto, o objetivo é que o conteúdo circule entre festivais, mostras, cineclubes e que, de alguma forma, receba atenção da mídia. Como assessora de imprensa, será preparado release que será oferecido para jornalistas da área de cultura, a fim de promover não só o documentário, mas também as entrevistadas. Porém, isso

---

<sup>12</sup> Cantora, poetisa, fotógrafa, escritora, compositora e instrumentista estadunidense. Na década de 70, ficou conhecida como "poetisa do punk". Em suas letras, ela falava sobre feminismo, levando a intelectualidade à música punk.

só será realizado quando *O Futuro é Feminino* for liberado para publicação no YouTube e no Facebook. É preciso aguardar um período aproximado de 12 meses para que o conteúdo tenha participado de eventos de forma inédita, pois a divulgação do material de forma pública limita a quantidade de festivais para exibição.

Os festivais previstos são: É Tudo Verdade, Curta Cinema, Mostra do Filme Livre, Aos Berros de Cinema e Música Independentes (Juiz de Fora), Athena Film Festival (EUA), FEMcine - Festival de Cine de Mujeres (Uruguai), Female Eye Film Festival (EUA), FEMINA - Festival Internacional de Cinema Feminino (Rio), e muitos outros que englobem a temática feminista, documentários e/ou curtas metragens.

#### 10.5.1 PÚBLICO ALVO

O curta-metragem *O Futuro é Feminino* é direcionado para todo o público interessado por cinema e, mais especificamente, por documentários e a temática feminista. Com uma narrativa livre, ele poderá ser assistido por pessoas de todas as idades com acesso a internet e/ou frequentadores de festivais e mostras que o filme pode ser selecionado. O documentário também é destinado a pesquisadores na área musical, produtores culturais e músicos.

## 11 ORÇAMENTO

### 11.1 ORÇAMENTO INICIAL

|                                    | DESCRIÇÃO  | QTD | UNIDADE      | QTD DE UNIDADE | VALOR UNITÁRIO (R\$) | TOTAL DA LINHA (Qtd x Qtd de unidades x Valor unitário) |
|------------------------------------|--|-----|--------------|----------------|----------------------|---|
| <b>1</b>                           | <b>PRÉ-PRODUÇÃO / PREPARAÇÃO</b>                               |     |              |                |                      |   |
| 1.1                                | Gaffer   | 1   | Profissional | 3              | 50,00                | 150,00  |
| 1.2                                | Maquiadora   | 1   | Profissional | 3              | 50,00                | 150,00  |
| Total de Pré-Produção / Preparação |  |     |              |                |                      | <b>R\$ 300,00</b>                                       |
| <b>2</b>                           | <b>PRODUÇÃO / EXECUÇÃO</b>                                     |     |              |                |                      |   |
| 2.1                                | Locação de Equipamento de Som (Gravador, Microfones Lapela)    | 1   | Verba        | 1              | 1.500,00             | 1.500,00  |
| 2.2                                | Locação de Equipamento de Luz (3T, Rebatedor, Kit Fresnel)     | 1   | Verba        | 1              | 2.000,00             | 2.000,00  |
| 2.3                                | Catering   | 1   | Verba        | 1              | 1.000,00             | 1.000,00  |
| 2.4                                | Transporte de Equipamentos                                     | 1   | Verba        | 1              | 100,00               | 100,00  |
| 2.5                                | Transporte de Equipe   | 1   | Verba        | 1              | 700,00               | 700,00  |
| 2.6                                | Materiais de Consumo (Pilhas, Baterias, Fita Adesiva, Carpete) | 1   | Verba        | 1              | 400,00               | 400,00  |
| 2.7                                | Cenografia   | 1   | Verba        | 1              | 200,00               | 200,00  |
| 2.8                                | Transporte de Instrumentos                                     | 1   | Verba        | 1              | 600,00               | 600,00  |
| Total de Produção / Execução       |  |     |              |                |                      | <b>R\$ 6.500,00</b>                                     |
| <b>3</b>                           | <b>PÓS PRODUÇÃO/ FINALIZAÇÃO</b>                               |     |              |                |                      |   |
| 3.1                                | Correção de Cor  | 1   | Serviço      | 1              | 1.000,00             | 1.000,00  |
| 3.2                                | Edição e Finalização   | 1   | Profissional | 1              | 800,00               | 800,00  |
| Total de Pós-Produção/Finalização  |  |     |              |                |                      | <b>1.800,00</b>   |
| Total do Projeto                   |  |     |              |                |                      | <b>8.600,00</b>   |

## 11.2 ORÇAMENTO REAL

| ITEM       | DESCRIÇÃO                        |  | VALOR             |
|------------|----------------------------------|--|-------------------|
| <b>1</b>   | <b>Produção</b>                  |  |                   |
| <b>1.1</b> | <b>Transporte público e Uber</b> | <b>Passagens e corridas</b>                    | <b>R\$ 212,00</b> |
| <b>1.2</b> | <b>Bateria alcalina 9V</b>       | <b>Bateria para o microfone</b>                | <b>R\$ 9,70</b>   |
| <b>1.3</b> | <b>Catering</b>                  | <b>Alimentação para equipe e entrevistadas</b> | <b>R\$ 150,00</b> |
|            | Subtotal                         |  | R\$ 371,70        |
| <b>2</b>   | <b>Finalização</b>               |  |                   |
| <b>2.1</b> | <b>Edição</b>                    | <b>Montagem e edição</b>                       | <b>R\$ 170,00</b> |
|            | Subtotal                         |  | R\$ 170,00        |
|            | <b>VALOR TOTAL</b>               |  | <b>R\$ 541,70</b> |

## 12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sonho de fazer um documentário com temática feminista é antigo. Desde a graduação (finalizada em 2014), ambicionava produzir um conteúdo audiovisual que pudesse unir minhas paixões: música, feminismo e cinema. Foi somente durante as aulas do prof. Tiago Monteiro que tive a esperança de concretizar esse objetivo.

*O Futuro é Feminino* não é só um documentário. É uma frase, é uma ideia, é a certeza de que, seja o que for que estamos plantando desde a "Primavera Feminista", em 2015, a época em que vamos colher frutos está cada dia mais perto. Durante este projeto pude experimentar a posição de diretora e roteirista, tendo que lidar com diversos obstáculos que não desanimaram, apenas reforçaram a importância de seguir em frente.

Espero que o documentário consiga atingir o público fã do rock nacional. Que este produto se torne uma das ferramentas utilizadas para a valorização da mulher instrumentista na cena independente de rock brasileiro, e principalmente, mostre que o que vem por aí é feminino, é feminista.

### 13 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

6 BRASILEIRAS que cantam contra o machismo. G1, Rio de Janeiro, 23 dez. 2016. Música. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/musica/2016/g1-lista-6-brasileiras-que-cantam-contra-o-machismo/>>. Acesso em 26 de fev. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 1. Fatos e mitos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BECKER, Guadalupe. **La Performance Femenina como evocación del Tabú**. In Estudios. Lima: n.28, 2011, p. 49-64.

BJÖRK rebate machismo na música: "As mulheres só estão autorizadas a cantar sobre namorados". Marie Claire. São Paulo, 23 dez. 2016. Celebidades. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Celebidades/noticia/2016/12/bjork-rebate-machismo-na-musica-mulheres-so-estao-autorizadas-cantar-sobre-namorados.html>. Acesso em 26 de fev. 2017

BRAGANÇA, Felipe. **Encontros**: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2009.

BRASIL é o pior país da América do Sul para ser menina, diz relatório. O Globo. Rio de Janeiro, 11 out. 2016. Sociedade. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-o-pior-pais-da-america-do-sul-para-ser-menina-diz-relatorio-20270607>>. Acesso em 12 fev. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

CASADEI, Eliza Bacheга. **O punk não é só para o seu namorado**: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. Música Popular em Revista, Campinas, ano 1, v.2, p.197-214, jan.-jun.2013.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo**: O trovador solitário. Coleção Perfis do Rio. Secretaria Municipal de Cultura. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2004.

DOANE, Mary Ann. **Woman's stake**: filming the female body. In: Feminism and Film Theory. Nova Iorque: Chapman and Hall, 1988. Cap. 13, p.86-99.

FACCHINI, Regina. **"Não faz mal pensar que não se está só"**: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. In: Cadernos Pagu, Unicamp, Campinas, vol.36, 2011, p. 117-153.

FERNANDES, Fernanda Marques. **Música, estilo de vida e produção midiática na cena indie carioca**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** - O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GORDON, Kim. **A garota da banda**. São Paulo: Fábrika231, 2016.

HANKIN, Kelly. **And Introducing... The Female Director**: Documentaries about Women Filmmakers as Feminist Activism. NWSA Journal, Indiana, vol.19, n.01, 2007, p. 59-88.

HERSCHMANN, Micael. **Indústria da música em transição**. São Paulo: Ed. Estação das Letras e das Cores, 2010.

HOLANDA, Karla. **Cinema (documentário) e feminismo no Brasil**. In: Cinema e América Latina: estética e culturalidade. SOCINE, 2016, p. 97-111.

LÓPEZ, Pilar Ramos. **Feminismo y música**: introducción crítica. Madrid: Narcea, 2003

MAIA, Carla. **Sob o risco do gênero**: clausuras, rasuras e afetos de um cinema com mulheres. 2015. 285f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, MG, 2015.

MATOS, Marlise. **A quarta onda feminista e ao campo crítico-emancipatório das diferenças no Brasil**: entre a destradicionalização social e o neoconservadorismo político. In: 38 ° Encontro Anual da ANPOCS, 2014, Caxambu. Anais, 2014. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/mr-1/mr20/9339-a-quarta-onda-feminista-e-o-campo-critico-emancipatorio-das-diferencas-no-brasil-entre-a-destradicionalizacao-social-e-o-neoconservadorismo-politico/file>>. Acesso em 18 de nov. de 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. **Da patologia à celebração**: representações de gênero e o discurso dos fãs no filme "Quase Famosos". 2004. 103f. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro: RJ.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PALMER, Amanda. **A arte de pedir**: ou como aprendi a não me preocupar mais e a deixar as pessoas ajudarem. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

PINHEIRO, Ricardo Nuno Futre. **A jam session enquanto objecto de estudo**. Revista eletrônica de musicologia. Curitiba, PR: Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em: <[http://www.rem.ufpr.br/\\_REM/REMr14/07/jam\\_enquanto\\_objeto.html](http://www.rem.ufpr.br/_REM/REMr14/07/jam_enquanto_objeto.html)> Acesso em: 22 de nov. 2017.

ROCHEDO, Aline. "**Não provoque! Ela toca rock.**" - De Nora Ney a Cássia Eller, a mulher na história do rock brasileiro. In: FIUZA, Alexandre. ATAIDE, Antonio Marcio. LACOWICZ, Stanis David. Cadernos de resumos do II Congresso Internacional de Estudos do Rock. Cascavel, PR: UNIOESTE, 2015.

SÁ, Simone Pereira de. **Cenas Musicais, Sensibilidades, Afetos e Cidades**. In: Comunicação e Estudos Culturais. GOMES, Itânia; JANOTTI JR., Jeder. Salvador: Edufba, 2011, p.1147C161.

\_\_\_\_\_. **Contribuições da teoria ator-rede para a ecologia midiática da música**. Bahia: Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura, v.12, n.3, p.537-555.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol.16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995.

SHEPHERD, John. **Continuum encyclopedia of popular music of the world**. Nova Iorque: Continuum International Publishing Group, 2003. p. 237.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Documentário e Roteiro de Cinema**: da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papyrus, 2007.

SOARES, Will. ACAYABA, Cíntia. **Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha**. G1. São Paulo, 21 set. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>>. Acesso em 26 de fev. 2017.

THORNHAM, Sue. Female **spectators, melodrama and the 'woman's film'**. In: *Passionate detachments: an introduction to feminist film theory*. Londres: Arnold, 1997. Cap. 3, p.45-66.

VLADI, Nadja. **O Negócio da Música** – Como os Gêneros Musicais Articulam Estratégias de Comunicação para o Consumo Cultural. In: JANOTTI, Jeder; PIRES, Victor; LIMA, Tatiana. Dez Anos a Mil – Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet. Recife, Maceió: independente, 2011.